Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

PARTIDOS

PL quer o capitão no comando dos radicais

De olho nas próximas eleições, legenda de Jair Bolsonaro vê o ex-presidente como cabo eleitoral e líder da extrema-direita

» VINICIUS DORIA

O cacife de 58 milhões de votos amealhados no segundo turno das eleições de 2022, um numeroso e barulhento séquito de seguidores fiéis e um amplo engajamento nas redes sociais dão ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL-RJ) credenciais para não ser esquecido nem pelos eleitores nem pelas forças políticas do campo conservador, mesmo sem condições legais de disputar algum cargo eletivo até 2030. Com a decisão do Tribunal Superior Eleitoral de julgar o ex-presidente inelegível por oito anos, os aliados do "capitão" começam, agora, a traçar o caminho da extrema-direita — que se confunde com o chamado bolsonarismo-raiz — até o próximo ciclo eleitoral, ano que vem, nas disputas municipais.

Nesta semana, o presidente do PL, Valdemar da Costa Neto (SP), começa a agendar conversas com as bases estaduais do partido, mirando as eleições do ano que vem. Ele conta com Bolsonaro não só para manter seus seguidores motivados como para ajudar a eleger um bom número de prefeitos e vereadores, que possibilitem ao partido manter, em 2026, protagonismo nas eleições para o Congresso. "Nossa meta é eleger mais de mil prefeitos em 2024, e mais de 100 deputados federais dois anos depois, para que o PL continue sendo a maior bancada na Câmara", projetou uma fonte bastante próxima de Costa Neto na presidência da legenda. Para isso, o PL conta com a liderança política e o poder de mobilização do ex-presidente e da mulher dele, Michelle Bolsonaro.

Para o líder da agremiação na Câmara, deputado Altineu Cortes, o PL "estará muito forte em 2024" e que "a turma do Bolsonaro estará conosco", referindo-se aos radicais da extrema-direita que dão apoio ao ex-presidente. "Nosso líder é Bolsonaro, não há outro nome. Ele dará a melhor direção ao partido, é quem vai ditar nossa política", disse Cortes, ao **Correio**. Ele não tem dúvida de que a extrema-direita "sempre terá seu espaço no PL". "A extrema-direita vai continuar muito forte e, hoje, temos uma relação muito boa entre os mais extremados e os mais moderados dentro do partido", comentou Cortes.

O abrigo que o PL oferece aos mais radicais está aberto desde novembro do ano passado, quando Costa Neto, em entrevista ao **Correio**, revelou que o partido receberia os bolsonaristas radicais e que contava com "o capitão" para "controlar esse pessoal". "Esse é um dos principais motivos que eu vejo da entrada do Bolsonaro (no PL), dele poder trabalhar pelo partido, que ele tenha o controle desse pessoal", disse Costa Neto, na época.

AFP



Inelegível até 2030, Jair Bolsonaro deve ser o principal cabo eleitoral do PL pelos próximos anos. O partido abriga, hoje, os extremistas do bolsonarismo

"Dono da bola"

Para se manter popular, Bolsonaro vai assumir o discurso de "vítima do sistema", que não o quer disputando a sucessão de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em 2026. A intenção de Valdemar da Costa Neto é percorrer o país com o ex-presidente para angariar novos aliados e reforçar as filiações ao PL. Para isso, será preciso vencer o voluntarismo do ex-presidente, que não costuma seguir as orientações do partido na hora de montar suas agendas de viagem. "Por enquanto, Bolsonaro é o dono da bola, da própria agenda, mas o partido vai tentar enquadrá-lo. Nós temos planilhas, mapas, situação cidade por cidade", aponta o interlocutor.

Doutor em ciência política e professor da Universidade Federal do Espírito Santo, Ueber Oliveira não tem dúvidas da força eleitoral de Bolsonaro e que ele será, sim, um importante cabo eleitoral para os candidatos da direita mais conservadora. "Isso poderá dar força a alguns aliados e, dentre eles, sairá seu substituto. Neste momento, aposto em Tarcísio (de Freitas, governador de São Paulo) ou Romeu Zema (governador de Minas Gerais, embora entenda que ainda seja cedo para cravar", vaticinou o professor. Ele lembra ainda que Bolsonaro "é um fenômeno das redes sociais" e que, por isso, "independe de estar no governo". "Ele mobiliza sentimentos profundos, de medo, inseguranças, frenesi coletivo. Não por acaso, fez um péssimo governo e, mesmo assim, cintila com certa força".

Oliveira ressalva, porém, que não é correto valorizar demasiadamente a capacidade de transferência de voto do ex-presidente. "Não podemos superestimar o apoio de Bolsonaro em termos eleitorais. Bolsonaro não é um grande costurador de alianças, e isso ficou claro nos pleitos dos quais participou — eleições de 2018, eleições municipais de 2020, e eleições gerais de 2022. E não podemos esquecer que Bolsonaro tem uma cabeça de ditador. Como todo bom ditador, é receoso quanto ao risco de alguém ocupar um lugar que ele, Bolsonaro, considera exclusivamente dele. Não acho que irá abraçar um sucessor de maneira tão direta assim."

Políticos ligados ao ex-presidente ouvidos pela reportagem convergem na avaliação de que a vida de Bolsonaro nos próximos anos — sem condição legal de disputar eleições até 2030 — não será fácil. Mas ele deve se manter como principal líder do eleitorado ultraconservador ligado ao Brasil rural, às igrejas evangélicas e às forças de segurança. O maior temor é que o ex-presidente, sem desafios eleitorais, perca o estímulo para liderar essa massa de seguidores. "Nosso medo é que ele fique deprimido", confidenciou o interlocutor do partido.

Ed Alves/CB/DA.Press



> **A extrema-direita vai continuar muito forte e, hoje, temos uma relação muito boa entre os mais extremados e os mais moderados dentro do partido"**
>
> ***Altineu Cortes,*** *líder do PL na Câmara*

Decisão do TSE foi "pedagógica" para os extremistas, diz Gleisi

A presidente do PT, Gleisi Hoffmann (PR), disse que a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que tornou o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) inelegível até 2030 foi "pedagógica" para a extrema-direita saber participar do jogo democrático. A Corte eleitoral entendeu, no julgamento finalizado nesta sexta-feira, que o ex-chefe do Executivo usou do cargo para espalhar desinformação sobre o sistema eletrônico de votação, na tentativa de ter ganhos eleitorais, atacar o Tribunal e fazer "ameaças veladas".

"No meu entender, a decisão do TSE foi pedagógica", disse a presidente do PT, Gleisi Hoffmann (PR), que participou, ontem, de um painel do 26º Foro de São Paulo, que reúne partidos e organizações políticas de esquerda da América Latina. "Não tem como você participar de um jogo se você atenta contra as regras do jogo. Foi exatamente o que Bolsonaro fez. Desde que assumiu o mandato, ele vem atentando contra a democracia", declarou Hoffmann.

Para ela, o resultado do julgamento da Corte eleitoral não acaba com o bolsonarismo, mas estabelece limites para a atuação política. "É óbvio que essa decisão não tira a extrema-direita do jogo político. O bolsonarismo continua aí. Isso vai dar dimensão a eles até onde podem ir. Se eles não tiverem limites, também não vão poder continuar", avaliou.

O TSE entendeu, no julgamento finalizado na sexta-feira, que Bolsonaro se aproveitou do cargo de presidente para espalhar desinformação sobre o sistema eletrônico de votação, atacar a Justiça Eleitoral e ameaçar juízes e o próprio Estado Democrático de Direito.

No penúltimo dia de reuniões do Foro de São Paulo, a presidente do PT participou de um debate sobre redes sociais e sua utilização pelas forças de esquerda. Para Hoffmann, há uma grande diferença entre os dois campos políticos, citando a extrema-direita como polo oposto. "Temos um diferencial de estrutura monstruoso. Os financiadores (da extrema-direita) são grandes, não temos a mesma estrutura. A gente conta com a militância, com a luta. O que não podemos é deixar de nos articular, estarmos organizados", disse ela.

No primeiro dia do evento, na quinta-feira, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva elogiou os líderes de esquerda Fidel Castro (de Cuba) e (da Veneziuela) Hugo Chávez, disse que tem orgulho do rótulo de comunista, mas fez uma ressalva. Para ele, é preciso manter as críticas aos partidos de esquerda "entre amigos".

"Precisamos tentar discutir os nossos erros para que a gente possa corrigi-los. Entre amigos, a gente conversa pessoalmente. A gente não faz críticas públicas porque as críticas interessam à extrema-direita", disse Lula. (**VD com agências**)

ED ALVES/CB/D.A.Press



Para Gleisi Hoffmann, a extrema-direita precisa de limites no "jogo político"